

529

Coleção
IBGEANA

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE

DIRETORIA DE PESQUISAS

DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

IBGE-1979/80
REF. 529

Nº de Ed.: 1162-A

Data: 06/01/99

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA

PRODUÇÃO FISICA - REGIONAL

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

PARANA

SANTA CATARINA

RIO GRANDE DO SUL

1989 : JULHO

14 / 09 / 89

ÍNDICE

	PÁGINA
NOTAS METODOLÓGICAS	1
COMENTÁRIOS	2
ÍNDICES POR GÊNERO DE INDÚSTRIA	
REGIÃO NORDESTE (Pernambuco e Bahia)....	18
REGIÃO SUDESTE (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo).....	21
REGIÃO SUL (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul)	24

INDICADORES REGIONAIS DE PRODUÇÃO FÍSICA

NOTAS METODOLÓGICAS

1 - Os Índices regionais utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal (PIM). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de PE, BA, PR, SC e RS.

2 - Para a Indústria Geral e tomando-se como referência o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes níveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos (58%); Pernambuco, 102 produtos (56%); Bahia, 91 produtos (52%); Minas Gerais, 158 produtos (59%) Rio de Janeiro, 261 produtos (51%); São Paulo, 493 produtos (54%), Região Sul, 264 produtos (52%); Paraná 118 produtos (58%); Santa Catarina 125 produtos (58%); Rio Grande do Sul 210 produtos (54%).

3 - Os procedimentos metodológicos dos índices regionais são idênticos aos adotados no Índice - Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referência a estrutura do Valor de Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação da Laspeyres base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1981);
- ÍNDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.

OUTROS ÍNDICES (por exemplo, MES/MES ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir dos índices base fixa mensal.

5 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos a retificação nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

6 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (N), o "índice base fixa mensal" do ano (N-1), que passará então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1.248 BL/B - Sala 705 Telefones: 264-5227 e 284-8840.

COMENTÁRIOS

O panorama da atividade industrial brasileira, segundo os índices de produção regional, revela, no mês de julho último, a predominância de resultados positivos, no comparativo com igual mês de 1988 (tabela 1). Para uma taxa de 7,2% no total do Brasil os índices regionais apontam variações entre -2,8% (Paraná) e 10,0% (Santa Catarina). Além do Paraná, o outro local a assinalar queda na produção fabril (na comparação julho 89/julho 88) foi Bahia (-2,1%).

TABELA 1
PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL
TAXAS DE CRESCIMENTO 1989
(BASE: IGUAL PÉRIODO DO ANO ANTERIOR)

INDICE LOCAL	Jan-Mar 89	Abr-Jun 89	Jul 89	Jan-Jul 89
Mordeste.....	0,0	0,8	1,6	0,6
Pernambuco...	-7,8	4,2	0,9	-2,0
Bahia.....	-1,3	-4,2	-2,1	-2,6
Minas Gerais...	-3,9	0,1	2,9	-1,2
Rio de Janeiro.	-5,0	4,8	6,1	0,9
São Paulo.....	-9,0	1,2	7,1	-2,0
Sul.....	-7,2	6,4	5,4	0,7
Paraná.....	-6,7	10,3	-2,9	1,7
S.Catarina...	-12,8	6,3	10,0	-1,3
R.G.do Sul...	-7,7	6,7	6,5	0,9
Brasil.....	-7,1	2,6	7,2	-0,7

Fonte: IBGE-DEIND

O segundo trimestre deste ano marca para, a quase totalidade dos locais pesquisados, uma expressiva elevação das suas taxas de crescimento. Tal movimento é mais evidente naqueles locais onde na estrutura industrial predominam segmentos produtores de bens de consumo não duráveis, os mais estimulados pelo aumento da demanda interna após o congelamento. As indústrias, que com os resultados positivos dos últimos quatro meses, já ostentam crescimento nas taxas acumuladas são o melhor exemplo do impulso originado nas fontes domésticas de expansão da demanda: a Região Sul após retração de -7,2% no primeiro trimestre apresenta crescimento de 0,7% no acumulado janeiro-julho; a indústria fluminense sai de -5,0% para 0,9% segundo os mesmos indicadores.

Também São Paulo, por ser o local que detém o parque fabril mais completo do país, só agora apresenta significativa recuperação na atividade industrial, que se reflete no "ganho" de 7,0 pontos percentuais na taxa de crescimento acumulado entre março (-9,0%) e julho (-2,0%), embora ainda não tenha conseguido igualar o nível de produção dos primeiros sete meses de 1988. Esse desempenho no ano, um dos piores dentre as regiões pesquisadas, reflete o fato de os setores de bens de capital e de consumo durável só recentemente terem elevado sua produção frente a 1988.

A indústria mineira, não obstante sua recuperação, mostra resultados menos expressivos: -3,9% no primeiro trimestre, 0,1% no segundo e acumulado de -1,2% em janeiro-julho/89. Isto se deve basicamente a dois fatores: um maior peso relativo das exportações de manufaturados, que em 1989 não têm se constituído em fator relevante de acréscimos na produção industrial; e a presença marcante de subsetores da indústria alimentar que não vêm conseguindo bom desempenho (açúcar, laticínios e carnes).

Finalmente, a Região Nordeste tem demonstrado performance bastante peculiar. Nesta região o corte trimestral não é relevante em termos da alteração no ritmo de crescimento que vem se situando entre 0,0% e 1,0% e, o que é mais surpreendente, sistematicamente acima dos índices de Pernambuco e Bahia, seus dois principais centros industriais. Isto se deve ao comportamento dos gêneros alimentar, têxtil, metalúrgica e minerais não metálicos. Na indústria alimentar a produção de açúcar cristal em Alagoas acumulou nestes sete meses 73,3% de crescimento, sendo a principal determinante do melhor resultado para a região como um todo face aos números de Pernambuco e Bahia. No caso da indústria têxtil, como citado em nota anterior, é a produção de algodão em pluma (Ceará) que eleva o índice setor no Nordeste sem refletir neste ramo em Pernambuco.

Como os impactos positivos resultantes da elevação das vendas de bens não duráveis no varejo passam, nos últimos meses, a gerar efeitos em cadeia sobre as demais categorias de produtos (insumos e bens de capital), além do fato de a construção civil vir apresentando continua elevação no seu ritmo de atividade, é provável que nos próximos meses os locais onde a estrutura industrial é mais completa, isto é, onde estão presentes setores produtores de máquinas, insumos e bens finais, apresentem comparativamente os melhores índices regionais.

Considerando-se um período mais amplo de observação, por exemplo o desempenho acumulado de 1981 até julho desse ano, a performance da principal área industrial brasileira - São Paulo - mostra resultados pouco animadores. Em sete anos e meio a indústria paulista avançou muito pouco, já que o nível da produção nos primeiros sete meses de 1989 é apenas 8,3% superior à média observada em 1981 que, de resto, foi um ano marcado pela queda do produto industrial. Nessa mesma com-

paração, a indústria brasileira como um todo cresce o dobro daquela taxa (16,1%). Numa década caracterizada pela estagnação econômica, os melhores resultados ficam por conta de regiões que detêm relativamente uma maior abertura às exportações, como Minas Gerais que acumulou expansão de 25,2% no período em questão, e/ou uma maior articulação com a produção agrícola, como a Região Sul cuja taxa é de 22,7%.

PERNAMBUCO

Os resultados da indústria pernambucana no mês de julho assinalam, pela terceira vez consecutiva, um crescimento na comparação com o mesmo mês do ano anterior (0,9%), influenciados, principalmente, pela expansão dos setores metalúrgica e material elétrico e de comunicações. A partir deste desempenho, o indicador acumulado (-2,0%) e o de 12 meses (-5,9%) sinalizam um movimento de desaceleração do ritmo de queda.

No indicador mensal (0,9%), sete dos onze gêneros pesquisados apontam taxas positivas, sendo que quatro destes segmentos - metalúrgica (15,4%), material elétrico e de comunicações (19,2%), papel e papelão (18,2%) e produtos de matérias plásticas (5,7%) - que sustentaram o crescimento da indústria global em maio e junho, apontam perda de dinamismo da sua produção. Vale ressaltar que nestes setores os principais produtos são vinculados à categoria de Bens Intermediários para a construção civil e eletrificação (fio máquina de aço comum e fio, cabo e condutor de cobre) e itens relacionados à embalagem de Bens de Consumo não Duráveis (sacos de papel multifolhados e sacos e sacolas de material plástico).

Apresentando taxas negativas desde janeiro de 1988, o indicador acumulado (-2,0%), registra, neste mês, a menor retração deste período, configurando o movimento de desaceleração do ritmo de queda, sustentado pela expansão ocorrida em seis gêneros. No entanto, os maiores impactos na composição da taxa global foram dos setores que assinalaram redução da produção: produtos alimentares (-10,2%), minerais não metálicos (-17,0%) e produtos de matérias plásticas (-13,4%).

Na comparação anualizada (-5,9%), a indústria pernambucana assinala taxa negativa pelo décimo sétimo mês consecutivo e, também, registra o mais forte movimento descendente entre as várias regiões investigadas. Os gêneros produtos alimentares (-16,2%), minerais não metálicos (-16,8%) e química (-2,7%) foram os que mais recuaram nos últimos 12 meses, e os principais produtos estão relacionados com o desempenho do processamento agrícola e à demanda do mercado interno.

O indicador acumulado nos últimos 12 meses, até julho, é o mais apropriado para a análise do desempenho da industrialização da cana-de-açúcar, safra 88/89. Observando-se a tabela 2, nota-se que o atual processamento foi dirigido, prioritariamente, para o açúcar cristal destinado à exportação, explicando assim a forte queda no refinado do açúcar. Por conseguinte, a produção de álcool, provavelmente, foi obtida de forma residual, dado que o melâço também apresenta um crescimento semelhante ao do álcool.

TABELA 2
PERNAMBUCO - COMPLEXO AÇUCAREIRO
ÍNDICE DOS ÚLTIMOS 12 MESES
(BASE: IGUAL PERÍODO ANTERIOR = 100)

PRODUTOS	ÍNDICE
Álcool	110,7
Açúcar cristal	117,6
Açúcar demerara	73,5
Açúcar refinado	70,7
Melâço	113,7
Aguardante da cana-de-açúcar..	148,2
Complexo Açucareiro.....	91,0

FONTE: IBGE/DEIND

BÁHIA

O desempenho da indústria baiana este mês (-2,1%) confirma certa recuperação frente ao resultado assinalado no primeiro semestre do ano (-2,7%), ainda que permanecem em recuo os ramos de atividade de maior importância para o desempenho da indústria geral. Nos Índices mensais de julho, apresentam variações positivas seis dos nove gêneros pesquisados, contra apenas dois setores com desempenho favorável em janeiro-julho (tabela 3).

Ainda na comparação com igual mês do ano anterior, vale registrar que produtos alimentares, embora com resultado negativo, atenuou significativamente sua queda (-6,0% contra -36,1% em junho), fato que se justifica pelo inicio do processamento da safra de cacau que, segundo o IBGE/DEAGRO deve ser superior em 6,0% a do ano passado.

No que tange, as demais contribuições negativas, cabe enumerar a fraca performance da extrativa mineral (-6,3%) e química (-5,9%), gêneros com resultados abaixo dos obtidos em junho (-3,4% e -4,4%, respectivamente). No primeiro setor a explicação está associada ao baixo rendimento verificado na exploração do petróleo em bruto. Na indústria química a razão preponderante está notadamente na fraca produção de gasolina e de etilbenzeno, justificadas por pequena disponibilidade de matéria-prima e por interrupção na atividade produtiva motivada por manutenção em empresa de grande importância no parque industrial local.

Em contrapartida, vale apontar, dentre aqueles com movimento crescente, o setor metalúrgico (34,2%) que alcança seu melhor desempenho desde maio de 1984 (excetuando abril '88, quando atinge a marca de 43,6%), justificado, principalmente, pela crescente demanda de tubos de aço com costura e blocos e tarugos de aço comum.

O indicador acumulado nos últimos doze meses vem apresentando sucessivas taxas negativas desde novembro '87, e confirma nesse mês o seu movimento descendente, com uma queda de -5,4%. Foram fatores fundamentais para essa retração a performance negativa de produtos alimentares (-11,4%) e de química (-4,9%) que, juntos, impactaram com -4,9 pontos percentuais na composição da taxa global.

Finalmente, vale frisar que o nível de produção de julho (22,3% acima da média de 1981) situa-se em patamar bastante baixo em relação aos verificados no mesmo mês nos três anos anteriores (gráfico 1). Nota-se que transcorrida quase uma década o nível de produção de minerais não metálicos ainda está, neste mês, 1,4% abaixo da média do ano base 1981, e extrativa mineral apenas 5,5% acima dessa mesma marca. No entanto, tomando-se a produção média da indústria baiana em 1989 e comparando com 1981, nota-se que o crescimento neste período (17,6%) fica acima do verificado na região Nordeste (10,4%), devido principalmente ao bom desempenho da química (27,7%), taxa superior a do total da região neste gênero (18,9%).

TABELA 3
BAHIA

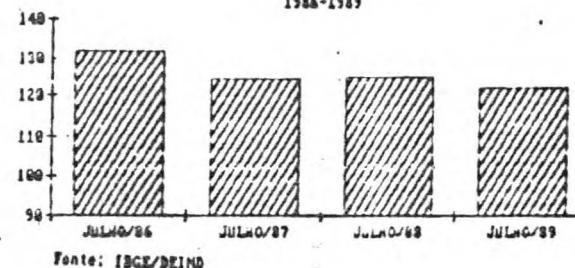
Desempenho da Indústria em 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)

GÊNEROS	JAN-JUN	JULHO
Indústria Geral	97.3	97.9
Extrativa Mineral	96.0	93.7
Minerais Não Metálicos	86.2	115.2
Metalúrgica	95.0	134.2
Material Elétrico e de Comunicações	79.1	121.5
Borracha	109.5	107.4
Química	100.1	94.1
Perfumaria, Sabões e Vias	91.6	105.3
Produtos Alimentares	88.7	94.0
Bebidas	105.6	124.3

Fonte: IBGE-DEIND

GRAFICO 1
BAHIA

ÍNDICE DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)
1986-1989



Fonte: IBGE-DEIND

HINAS GERAIS

A indústria mineira volta a crescer em julho no indicador mensal (2,9%), apesar de apresentar uma contracção de -2,6% em junho. Este resultado, inferior à média nacional (7,2%), reflete, basicamente, a expansão em material de transportes (38,9%, contra 9,5% no mês anterior) e a atenuação da queda em produtos alimentares (-18,8% contra -25,3%). Em decorrência dessa melhora, estabiliza-se, em relação a junho, o decréscimo das comparações acumulada (-1,2%) e anualizada (-0,4%).

O movimento ascendente do indicador mensal é generalizado pois apenas dois ramos - produtos alimentares (-18,8%) e extrativa mineral (-5,4%) - registram taxas negativas. A última vez que isso se verificou foi em março de 1987, no período de auge dos efeitos do Plano Cruzado sobre a indústria, quando somente extrativa mineral e material de transporte apontaram contracções. Como pode-se constatar na tabela 4, foi muito grande o impacto negativo de produtos alimentares (-2,5 pontos percentuais). No entanto esta evolução foi compensada pelo aumento da produção na quase totalidade dos demais setores, destacando-se, pelo seu peso, material de transporte (38,9%). O resultado de produtos alimentares novamente deve-se às retracções em açúcar cristal (-33,6%) e melaco (-32,9%). Ocorre que esse ano a safra de cana-de-açúcar deve ser menor que a do ano passado e adicionalmente, uma proporção maior de sua produção está sendo desviada para a fabricação de álcool anidro e hidratado, que apresenta uma queda menor (-17,3%).

As variações positivas do indicador mensal podem ser creditadas, basicamente, ao aquecimento do mercado interno e da construção civil provocado pelo período de con-

gelamento de preços e pelas expectativas de elevação dos índices de inflação, que induzem antecipação de compras e procura por ativos reais (ex. imóveis).

Cabe enfatizar que o recente surto de crescimento nacional, está intimamente relacionado à evolução do mercado interno, sendo que a indústria mineração, comparativamente às demais regiões pesquisadas, tem uma grande articulação com o mercado externo. Portanto, é de se esperar que o parque industrial de Minas Gerais responda com maior defasagem à atual elevação das vendas internas e tenha um desempenho abaixo da média nacional. Mesmo assim vários segmentos - metalúrgica, material elétrico, material de transporte, química, bebidas e fumo - já estão com marcas recordes, em relação aos demais meses de julho dos últimos anos (tabela 5). No caso de material de transporte, este patamar elevado deve-se, em boa medida, ao atendimento de uma demanda reprimida, pois no primeiro semestre, devido às graves e às lentas negociações com os fornecedores após o Plano Verão, a oferta desses produtos ficou abaixo do esperado.

O indicador acumulado assinala uma queda de -1,2%, superior à da média nacional (-0,7%). Destacam-se pelo seu impacto negativo (tabela 4) as diminuições em: produtos alimentares (-12,4%), metalúrgica (-3,7%) e minerais não metálicos (-2,6%). É importante ressaltar, em especial no caso da metalúrgica, que no ano passado as exportações expandiram-se muito no primeiro semestre, o que significa que este ano tem-se uma base de comparação elevada.

TABELA 4
MINAS GERAIS

COMPOSIÇÃO DA TAXA DOS INDICADORES ACUMULADO E MENSAL
JULHO 1989

GERÊROS	MENSAL	ACUMULADO
Extrativa Mineral	-0,37	0,08
Minerais não metálicos	0,50	-0,27
Metalúrgica	0,84	-1,21
Material Elétrico e Com	0,35	-0,24
Material de transporte	2,32	0,41
Papel e papelão	0,04	0,02
Química	0,58	0,68
Prod. Mat. Plásticas	0,12	-0,04
Têxtil	0,33	0,40
Vestuário, calc.art.tec.....	0,34	0,19
Produtos alimentares	-2,59	-1,30
Bebidas	0,12	0,06
Fumo	0,33	0,07
Indústria Geral	2,92	-1,15

FONTE: IBGE - DEIND

TABELA 5

MINAS GERAIS

NÍVEL DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA NO MÊS DE JULHO
INDICADOR DE BASE FIXA
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)

GÊNEROS	Nível de Produção Julho - 1989	NÍVEL MÁXIMO DE PRODUÇÃO	
		Índice	Ano
Extrativa Mineral	113,36	139,61	1985
Minerais não metálicos.....	109,74	111,11	1986
Metalúrgica	135,13	135,13	1989
Material elétrico e com....	163,69	163,69	1989
Mat. transporte	153,89	153,89	1989
Papel e papelão	178,07	179,48	1986
Química	220,83	220,83	1989
Prod. Mat. Plásticas	131,47	175,17	1985
Têxtil	129,75	131,15	1986
Vest. calc. art. tec.	105,12	112,51	1986
Produtos Alimentares	122,01	165,89	1984
Bebidas	139,10	139,10	1989
Fumo	178,53	178,53	1989
Indústria geral	139,70	139,70	1989

FONTE: IBGE - DEIND

RIO DE JANEIRO

A produção industrial fluminense cresceu 6,1% em julho último contra igual mês do ano anterior. Tal resultado, que se estabelece praticamente no mesmo patamar daqueles atingidos nos dois meses precedentes, coloca a produção acumulada no ano com o seu primeiro desempenho positivo em 1989 - o índice acumulado dos sete primeiros meses do ano alcançou um crescimento de 0,9%.

Com relação ao resultado mensal de julho, as mais destacadas performances ocorreram em perfumaria, sabões e velas (57,5%), bebidas (35,9%), minerais não metálicos (28,0%) e matérias plásticas (25,9%), sendo que estes dois últimos e perfumaria, juntamente com a química (7,2%), são justamente os gêneros de maior impacto na formação da taxa global.

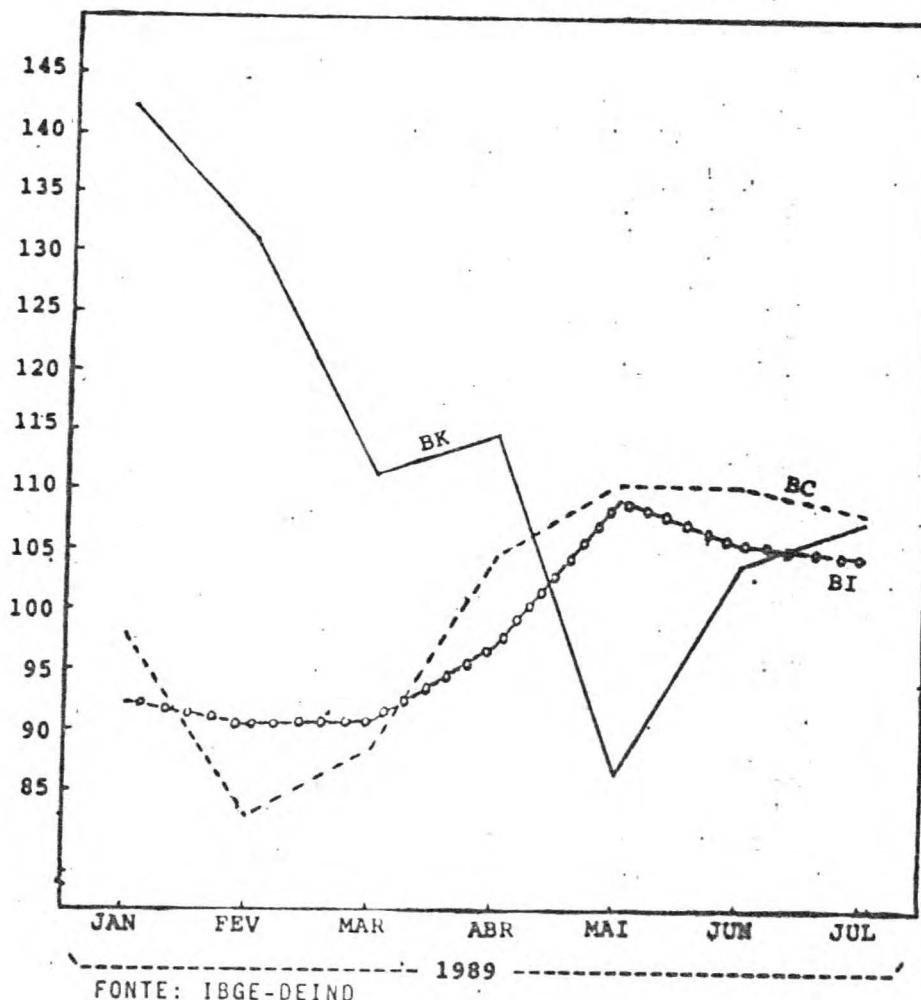
O desempenho de bebidas, que alcançou de janeiro a julho a maior taxa de crescimento dentre os gêneros pesquisados (25,0%), é justificado pelo lançamento este ano, por diversas empresas, de refrigerantes dietéticos, bem como pela expansão da capacidade produtiva do setor de cervejas e chopes no Estado. A performance do segmento de cervejaria vem influenciando também o desempenho do gênero de minerais não metálicos, cujas taxas de crescimento (mensal e acumulada), contam com significativa contribuição do aumento da produção de frascos de vidro com capacidade entre 500 e 750ml.

Matérias plásticas é outro setor que apresenta expressivo desempenho este ano, com a segunda maior taxa acumulada (23,7% de janeiro a julho). São principais responsáveis por tal comportamento tecidos de material plástico laminado e plásticos em lençol, cujo aumento de produção está certamente associado à crescente utilização desses produtos na fabricação de embalagens e acondicionamento. Vale frisar, ainda, que a campanha eleitoral pode estar exercendo alguma influência positiva em tais segmentos, uma vez que esses produtos são largamente utilizados na confecção de material de propaganda.

Três gêneros industriais apresentaram-se com decréscimo de produção no indicador mensal de julho: a metálica (-5,6%), que completa seu 11º mês consecutivo de resultado negativo; farmacêutica (-9,2%), cujo ritmo de produção vem oscilando de acordo com os níveis de reajustes de preços estipulados para o setor; e finalmente vestuário, calçados e art. de tecidos (-3,2%), com a queda de produção deste mês sendo provocada, essencialmente, ainda pelos efeitos da paralisação, por greve, das atividades em importante empresa do setor.

Os gêneros eminentemente produtores de Bens de Consumo responderam por mais da metade do desempenho global de julho, fato que se repete nos últimos três meses, confirmando a mudança de perfil no desempenho da indústria deste Estado que, até então, vinha se sustentando na performance da categoria de Bens de Capital, em decorrência das elevadas taxas de material de telecomunicações e da indústria naval (gráfico 2).

GRÁFICO 2 : -
Rio de Janeiro
Evolução da Produção Industrial por Cat.de Uso
Índice Mensal



FONTE: IBGE-DEIND

1989

SÃO PAULO

Os indicadores de desempenho para a indústria paulista revelam, no mês de julho, resultados ainda mais favoráveis quando comparados com os obtidos para o setor nos últimos meses. O Índice mensal atinge 7,1% contra a média de crescimento de 1,2% no trimestre imediatamente anterior, além de alcançar ainda, a segunda maior taxa positiva desde maio de 1987. O resultado do acumulado no ano em relação a igual período do ano anterior mantém-se em queda (-2,0%), embora esta seja a menor taxa observada para este indicador desde jan/88 (-1,4%). Em decorrência o acumulado doze meses (-1,7%) também apresenta a menor taxa negativa do ano.

No que se refere ao Índice mensal, os dados refletem acréscimos para todos os gêneros pesquisados, com exceção de produtos alimentares (-13,0%). Os declínios observados na produção de açúcar cristal (-29,6%) e suco de laranja (-33,5%), respondem por boa parte da contribuição negativa de alimentares (-1,4 ponto percentual) na formação da taxa de crescimento da indústria. As previsões da safra paulista de cana-de-açúcar feitas pelo IBGE/DEAGRO no mês de julho, indicam uma queda de -2,8% na produção esperada da cultura este ano em relação ao ano passado. Adicionalmente, a política governamental, procurando equilibrar o mercado interno de álcool hidratado combustível, vem priorizando o processamento da cana-de-açúcar para produção de álcool em detrimento da produção de açúcar. Por outro lado, o baixo Índice mensal revelado na produção de suco de laranja deve-se à base de comparação elevada posto que, a antecipação da safra de laranja para junho no ano passado, determinou um ritmo na produção de suco de laranja em julho de 1988 bem superior ao ocorrido este mês, quando a colheita

só teve início a partir de 19 de julho.

Vale mencionar ainda, a esperada reversão da trajetória do segmento material de transporte (2,9%), que atinge o primeiro resultado positivo no mensal desde janeiro/89, quando o bom desempenho revelado pelo ramo, no segundo semestre de 1988, foi interrompido pelas medidas econômicas que provocaram um desequilíbrio nos preços dos insumos do setor. A recuperação ocorrida nos gêneros boracha (10,0%) e química (4,4%), deve-se, basicamente, à produção de pneumáticos para ônibus e caminhões e óleo combustível, o que, de certa forma, pode ser explicado por um novo equilíbrio no patamar de preços relativos.

A análise por categorias de uso possibilita uma melhor compreensão do percurso ascendente da produção industrial verificado nos últimos meses. Observando a tabela 6, verifica-se que, no trimestre abril/junho, o setor de bens de consumo apresenta os melhores resultados (4,5%), em boa medida em função do congelamento de preços que se mantém em abril e maio; os bens intermediários revelam um crescimento ainda tímido (1,4%), enquanto o setor de bens de capital registra queda significativa de -8,9%. O confronto destes resultados com os apresentados em julho - Bens de Consumo 7,6%, Bens Intermediários 6,9% e Bens de Capital 4,4% - aponta expansão significativa para todos os setores, revelando uma boa performance do parque fabril em São Paulo.

A manutenção das altas taxas de juros no mercado financeiro, como forma de controle da demanda, tem funcionado como fator inibidor das compras à crédito, embora não tenha surtido o efeito esperado sobre o nível geral de consumo, pois diante das expectativas de uma elevação do patamar

inflacionário a demanda sofre o estímulo da antecipação do consumo. Assim sendo, uma das explicações para a expansão recente da indústria, está na diversificação da aplicação da renda disponível por parte da população em geral e das empresas como forma de driblar as altas taxas de inflação.

Finalmente, os principais sinais do atual quadro econômico, mesmo num ambiente de incerteza, permitem induzir que nos próximos meses a indústria paulista deva continuar revelando resultados positivos. Entretanto, o Índice acumulado nos últimos 12 meses (indicador de tendência da atividade industrial), para o setor de bens de capital registra ainda um decréscimo de -8,7% este mês no estado, demonstrando que o atual ritmo da produção industrial poderá ficar comprometido no futuro pela baixa capacidade produtiva disponível em importantes gêneros da indústria.

TABELA 6

SÃO PAULO
ÍNDICE TRIMESTRAL E MENSAL
POR CATEGORIA DE USO
(IGUAL PERÍODO ANO ANTERIOR = 100)
1989

CATEGORIA DE USO	TRIMESTRAL (1)		MENSAL JULHO
	jan/mar	abr/jun	
Indústria Geral	91,0	101,2	107,1
Bens Capital	82,8	91,1	104,4
Bens Intermediários	93,1	101,4	106,9
Bens de Consumo	93,8	104,5	107,6

FONTE: IBGE - DEIND

(1) Calculado pela média dos Indicadores Mensais.

TABELA 7

SÃO PAULO

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
POR GÊNEROS - 1989

GÊNEROS	TRIMESTRAL		MENSAL JULHO
	jan/mar	abr/jun	
Indústria Geral	91,0	101,2	107,1
Minerais não metálicos	86,3	104,9	109,6
Metalúrgica	95,3	103,8	109,6
Mecânica	78,7	101,3	114,2
Mat. Elétr. e Com	89,3	99,2	111,0
Mat. Transporte	90,1	86,9	102,9
Papel e papelão	102,1	110,5	114,7
Borracha	90,5	95,5	110,0
Química	94,5	100,2	104,4
Farmacêutica,	79,2	108,3	124,6
Perf. Sabões e Velas	83,2	117,2	125,7
Prod. mat. plásticas	99,8	128,2	132,9
Têxtil	93,0	103,6	102,7
Vest. Calc. Art.Tec.	97,7	108,0	107,6
Prod. Alimentares	93,8	93,4	87,0
Bebidas	103,1	127,7	116,5
Fumo	91,7	116,0	144,9

FONTE: IBGE - DEIND

PARANÁ

Após ostentar durante os três últimos meses desse ano elevadas taxas de crescimento industrial, superando os demais locais pesquisados, o estado do Paraná em julho rompe a trajetória ascendente dos seus principais indicadores: acumulado 1,7%, últimos 12 meses 2,8% e mensal -2,9% que no mês anterior registraram acréscimos de 2,5%, 3,7% e 10,5%, respectivamente.

O resultado adverso do Índice mensal (-2,9%) foi influenciado, essencialmente, pelo gênero química (-22,4%). Esse declínio, do nível de produção, foi causado pela paralisação de importante empresa do setor, para manutenção de seus equipamentos - é bom lembrar que este fato também ocorreu em outubro de 1987 com consequências, em parte, semelhantes às atuais.

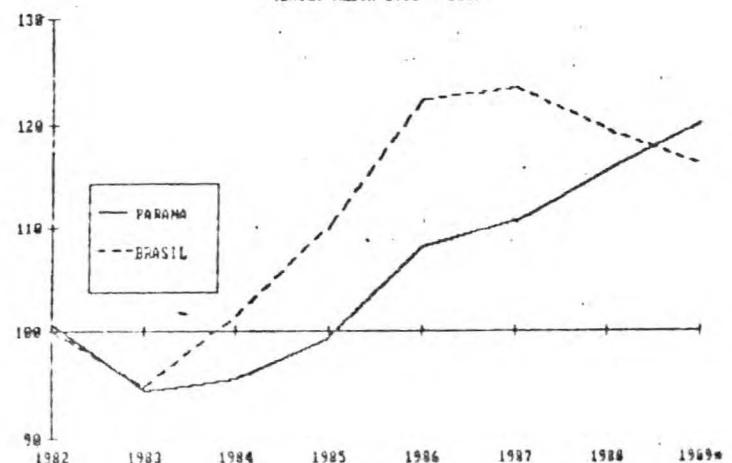
Ainda em relação ao impacto da química na indústria geral, foi feito um exercício considerando a hipótese de crescimento nulo para o setor. Em decorrência desse procedimento o resultado para a indústria local ficaria em torno de 5,6% de expansão o que, ainda assim, não garantiria a liderança do Estado dentre as regiões pesquisadas, uma vez que Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro suplantaram tal desempenho com taxas de 10,0%, 7,1% e 6,1%, respectivamente.

Quanto à performance acumulada no período janeiro-julho (1,7%), esta ainda ostenta resultado acima dos demais locais. Há de se destacar a elevada variação positiva da mecânica (15,9%) ao contrário do que ocorre no setor a nível nacional (-1,5%). Esta expansão é creditada ao notável aumento da produção de refrigeradores para uso doméstico. Já a indústria de papel e papelão com 9,8% foi influenciada pela maior demanda por papel kraft.

E interessante salientar que a indústria paranaense acumulou de 1981, início da pesquisa, até o momento crescimento de 20,0% (gráfico 3), resultado que coloca o Estado acima da média nacional (16,1%), graças ao desempenho de 1989. A nível de gêneros, as evoluções que merecem destaque ao longo deste período são: têxtil (95,2%), papel e papelão (61,3%) e mecânica (59,8%), segmentos que contribuíram de forma efetiva na expansão industrial do Estado.

Isto demonstra que os resultados do desempenho do setor fabril no Estado, apesar de atrelados ao binômio química/alimentares, que na década assinalaram taxas de -4,4% e 16,0%, respectivamente, superaram o patamar desses dois gêneros, graças a incrementos setoriais em indústrias com algum grau de abertura às exportações, como são os casos de têxtil e papel e papelão.

GRÁFICO 3
PAÍS/IA
NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
1982-1989
BASE FIXA ACUMULADO
(BASIS: MÉDIA 1981 = 100)



Fonte: IBGE/DEIND

(*) JAN-JUL

SANTA CATARINA

A indústria de Santa Catarina apresenta em julho de 1989 a sua segunda maior taxa do corrente ano, ao registrar 10,0% de expansão em relação a igual mês de 1988 atingindo, assim, desempenho superior ao da média brasileira (7,2%).

Contribuiu decisivamente para este resultado favorável a boa performance da mecânica, com crescimento de 59,7%, sendo, mais uma vez, fortemente influenciada pelo incremento na produção de refrigeradores domésticos. Os setores de matérias plásticas, com expansão de 36,3%, e de metalúrgica (15,8%) - ambos atingindo, neste mês, as melhores marcas do ano em curso - também exerceram forte influência na formação da taxa mensal, tendo como principais produtos responsáveis mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico e ferro e aço fundido, respectivamente. Por outro lado se destacam em termos negativos, os impactos da extrativa mineral (-30,3%) e da química (-14,9%), cujos desempenhos estão influenciados pela retração na produção de carvão de pedra em bruto e ácido fosfórico, respectivamente.

O resultado deste mês além de manter a evolução favorável da indústria catarinense, detectada a partir do segundo trimestre deste ano, significa ainda um salto de 3,8 pontos percentuais em relação ao desempenho médio de abril-junho, conforme mostra a tabela 8. A nível setorial, são verificados acréscimos entre julho e o segundo trimestre em oito dos treze setores pesquisados, ficando os maiores destaque por conta da metalúrgica, mecânica e matérias plásticas, com expansão superior a 15 pontos percentuais. Dentre os gêneros que apresentam queda entre esses

dois períodos, destacam-se as retracções em bebidas (que passa de 19,4% no segundo trimestre para 7,5% em julho/89), fumo (de 60,8% para 40,5%) e, em menor medida, têxtil - primeiro setor em termos de importância na estrutura industrial do Estado - que após apresentar crescimento de 1,0% no segundo trimestre, este mês assinala retração de -3,8% em virtude, principalmente, da queda na produção de tecidos de algodão. Cabe ressaltar, que esse ano, a safra de algodão herbáceo deve ser inferior em 24,8% a do ano passado segundo estimativas do IBGE/DEAGRO.

TABELA 8
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA CATARINENSE-1989
(BASE: IGUAL PÉRIODO DO ANO ANTERIOR = 100)

SETORES	1ºTRIM.	2º TRIM	JULHO
Indústria Geral	87,17	106,27	110,00
Extrativa Mineral	75,74	71,74	69,71
Minerais não metálicos	95,60	106,02	107,10
Metalúrgica	85,45	100,51	115,75
Mecânica	104,44	134,43	159,67
Mat. Elétrico e Com.	72,24	88,70	95,06
Papel e Papelão	94,86	101,67	104,14
Química	69,75	85,27	85,10
Matérias Plásticas	66,56	115,45	136,29
Têxtil	85,77	101,02	96,24
Vestuário	83,76	103,49	110,48
Alimentares	83,89	101,39	103,31
Bebidas	99,97	119,40	107,53
Fumo	126,90	160,84	140,51

FONTE: IBGE/DEIND

No entanto, o expressivo crescimento da indústria nos últimos meses ainda não foi suficiente para reverter o quadro de sucessivas taxas negativas apresentado ao longo do ano nos resultados acumulados, embora estes venham apresentando trajetória ascendente.

A produção acumulada no período janeiro-julho (-1,3%) representa um acréscimo de 2,0 pontos percentuais frente à registrada no primeiro semestre (-3,3%). Os maiores decréscimos no período ocorreram em extrativa mineral (-27,0%), química (-20,2%) e material elétrico (-17,6%), sendo os principais produtos responsáveis carvão de pedra em bruto, farelo de soja peletizado e quadros, painéis, cubículos e subest. de distrib. e controle, respectivamente.

Já o indicador acumulado nos últimos doze meses (-4,1%) situa-se praticamente no mesmo patamar alcançado até o mês passado (-5,0%). Apenas mecânica (8,4%), bebidas (6,1%) e fumo (58,3%) registram desempenho positivo, influenciados, principalmente pela expansão na produção de compressores para refrigeradores e semelhantes e refrigeradores domésticos, refrigerantes e fumo em folha beneficiado, respectivamente. Entre junho e julho somente extrativa mineral, material elétrico, química, têxtil e fumo apresentaram redução no ritmo de produção.

RIO GRANDE DO SUL

A indústria do Rio Grande do Sul registra em julho, pelo quarto mês consecutivo, taxa positiva no indicador mensal (6,5%). Com este resultado atinge uma das melhores performances dentre os locais pesquisados, pois a comparação acumulada também apresenta crescimento (0,9%) e a queda na acumulada 12 meses é pequena (-0,9%), menor que a média nacional (-1,5%).

Analizando-se o indicador mensal, nota-se que em termos de impacto no resultado global (tabela 9) destacam-se fumo, no campo positivo (142,7%) e química no negativo (-17,6%), ambos os gêneros muito articulados com a agropecuária. No caso do primeiro a explicação está na base de comparação deprimida (julho/88 é um dos menores dos últimos anos) frente a um elevado nível de produção no ano corrente, pois em 1989 houve um prolongamento do período de safra da folha de fumo. O desempenho da química deveu-se a contração em adubos e fertilizantes. A produção desses itens foi muito concentrada em maio e junho, em detrimento dos demais meses do ano. Esse comportamento é atípico, pois normalmente esses segmentos só atingem níveis elevados de atividade produtiva no segundo semestre, o que pode estar refletindo uma antecipação das compras, devido ao receio de uma súbita elevação de preços com o fim do congelamento.

Na performance da indústria ao longo do ano (tabela 10) cabe destacar o desempenho de bebidas, material elétrico e mecânica. Os dois primeiros estão numa rápida trajetória ascendente, passando de -8,5% e -10,8%, respectivamente, no primeiro trimestre para 6,9% e 13,2% em abril-junho atingindo 37,4% e 43,3% em julho. Os produtos de maior influência nessa evolução positiva foram

rantes, cuja produção se diversificou, atingindo um mercado mais amplo, e capacitadores ou condensadores eletrônicos, componentes utilizados na produção de televisores, aparelhos de som, etc.. Mecânica sempre "puxada" por colhedeiras agrícolas, passa de 1,5% em janeiro-março para 33,3% em abril-junho diminuindo depois seu crescimento para 2,4% em julho. No segundo trimestre as taxas de juros estavam relativamente baixas o que estimulou a compra de bens de capital, em detrimento de aplicações no mercado financeiro. A procura por ativos reais, devido as elevadas taxas de inflação, também contribuiu para esse movimento.

No acumulado do ano as maiores variações positivas, e também os mais significativos impactos sobre a performance da indústria (Tabela 9), ficam com minerais não metálicos (20,8%) e mecânica (13,4%). No primeiro gênero a maior influência coube ao setor de frascos de vidro, cuja produção está muito voltada para o setor de Bens de Consumo, onde é utilizada como embalagem. Esse aquecimento na área de embalagens também é visível no segmento de papel e papelão (5,8%) devido a maior produção de caixas de papelão corrugado. Em suma a evolução da indústria gaúcha neste ano está muito marcada pela antecipação de compras provocada pelo Plano Verão, que estimulou especialmente o setor de Bens de Consumo não Durável (bebidas e indiretamente minerais não metálicos e papel e papelão), e pela posterior elevação do patamar inflacionário, levando a maior demanda por ativos não monetários (ex:colhedeiras agrícolas).

TABELA 9
RIO GRANDE DO SUL
COMPOSIÇÃO DA TAXA DOS INDICADORES MENSAL E ACUMULADO
JULHO - 1989

GÊNEROS	MENSAL	ACUMULADO
Extrativa mineral	-0,01	-0,11
Minerais não metálicos	0,84	0,59
Metalúrgica	2,12	-0,05
Mecânica	0,43	2,15
Mat. Elétrico e Com	1,33	0,22
Material de transporte	0,04	-0,51
Papel e papelão	0,75	0,16
Borracha	0,37	0,14
Química	-3,42	-1,11
Perf. sabões e velas	0,07	-0,06
Vest. calc. art. tec.	0,23	0,01
Produtos Alimentares	-0,68	-1,15
Bebidas	1,21	0,20
Fumo	3,28	0,38
Indústria geral	6,53	0,86

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 10
RIO GRANDE DO SUL
EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA EM 1989
(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100)

GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	JULHO
Extrativa Mineral	69,96	91,50	98,98
Minerais não metálicos.....	105,16	132,93	126,57
Metalúrgica	87,35	105,07	117,64
Mecânica	101,46	133,34	102,41
Mat. Elétrico e com.	89,23	113,20	143,27
Mat. Transporte	64,44	111,78	100,61
Papel e Papelão	94,96	110,08	127,83
Borracha	111,59	105,66	123,55
Química	86,64	98,92	82,39
Perf. Sabões e velas	75,37	92,58	113,76
Vest. Calc. Art. Tec.	96,78	102,54	101,87
Prod. Alimentares	95,89	89,49	96,63
Bebidas	91,55	106,90	137,35
Fumo	85,57	108,41	242,69
Indústria Geral	92,26	106,66	106,53

FONTE: IBGE - DEIND



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - REGIÃO NORDESTE

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSE S E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	103,47	107,93	111,81	99,93	102,64	101,59	99,96	100,39	100,56	96,41	96,45	96,34
EXTRATIVA MINERAL	149,01	146,19	143,73	99,98	100,70	96,35	102,13	101,90	101,09	101,12	100,87	100,27
IND.TRANSFORMAÇÃO	97,17	102,63	107,39	99,92	103,03	102,63	99,54	100,10	100,46	95,59	95,68	95,65
MIN.NÃO METALICOS	90,01	94,47	94,47	103,11	107,49	100,46	90,42	93,14	94,21	94,66	95,35	94,85
METALURGICA	150,48	159,78	161,46	120,52	133,91	135,21	102,50	107,48	111,28	96,54	100,09	102,91
MAT.ELETTRICO E COM	137,62	142,18	147,09	139,62	125,68	114,97	90,18	95,58	98,42	82,51	86,66	88,77
PAPEL E PAPELÃO	115,82	119,61	126,17	100,27	110,08	107,65	92,56	95,37	97,18	93,47	95,19	95,66
BORRACHA	142,75	152,87	159,12	101,29	114,79	113,02	100,52	103,01	104,57	105,15	106,33	106,92
QUIMICA	101,96	108,89	110,87	88,04	98,03	97,05	101,38	100,86	100,34	94,79	94,30	94,15
PERF.SABÕES,VELAS	121,48	129,13	130,78	108,63	118,35	128,68	83,08	88,41	93,37	85,42	86,05	88,69
PROD.MÁT.PLASTICAS	107,36	114,37	117,21	108,03	109,22	108,53	82,86	87,25	90,37	92,86	93,38	93,59
TEXTIL	92,67	94,65	98,19	105,97	99,42	89,94	111,49	109,28	105,92	113,73	112,55	109,85
VEST,CALC,ART.TEC.	120,47	131,75	133,30	108,66	109,07	106,89	97,62	99,68	100,81	95,99	97,06	97,15
PROD.ALIMENTARES	57,51	60,65	75,27	92,87	83,89	98,66	98,26	96,22	96,54	88,96	87,61	87,33
BEBIDAS	102,44	108,31	106,65	118,90	118,49	122,93	105,69	107,57	109,45	103,16	104,00	105,22
FUMO	125,30	120,99	134,82	123,43	114,49	130,15	86,25	90,57	95,72	92,03	93,27	96,05

IBGE

01/09/89 PAG 18



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - PERNAMBUCO

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSE S E GENERO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	99,80	98,41	99,58	109,92	105,28	100,92	96,16	97,52	97,98	94,03	94,59	94,13
IND.TRANSFORMAÇÃO	99,80	98,41	99,58	109,92	105,28	100,92	96,16	97,52	97,98	94,03	94,59	94,13
MIN.NÃO METALICOS	87,17	77,15	76,21	98,20	87,77	83,91	82,00	82,87	83,01	85,58	84,91	83,21
METALURGICA	133,73	143,03	147,12	122,31	121,93	115,37	104,44	107,42	108,66	104,90	107,02	107,74
MAT.ELETTRICO E COM	160,63	157,24	159,77	248,33	193,94	119,20	115,47	125,77	124,60	98,54	109,57	107,66
PAPEL E PAPELÃO	121,93	129,09	132,87	116,39	130,17	118,19	92,47	98,34	101,31	92,37	96,41	97,07
QUIMICA	152,07	145,14	133,18	109,17	101,78	97,52	102,86	102,71	102,07	98,67	97,97	97,34
PERF.SABÕES,VELAS	103,93	111,95	127,79	105,44	113,81	152,16	97,18	99,88	106,25	86,85	86,95	91,84
PROD.MAT.PLASTICAS	95,47	108,90	102,34	96,94	113,56	105,66	77,96	83,61	86,65	94,51	94,06	93,66
TEXTIL	84,42	82,66	83,42	95,53	98,83	92,04	94,04	94,84	94,41	96,48	96,93	97,50
PROD.ALIMENTARES	55,46	53,43	61,15	84,54	77,04	86,84	92,37	90,26	89,85	86,28	85,01	83,79
BEBIDAS	88,55	88,54	83,83	126,33	113,18	124,73	105,24	106,39	108,43	103,50	103,97	105,10
FUMO	135,41	126,71	148,52	123,07	109,40	132,28	88,38	91,65	96,97	94,76	95,16	97,87

IBGE

01/09/89 PAG 19



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - BAHIA

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	112,50	115,51	122,30	92,24	94,78	97,95	97,79	97,28	97,38	95,54	94,83	94,65
EXTRATIVA MINERAL	111,88	106,85	105,45	97,87	96,57	93,74	95,90	96,02	95,69	97,94	97,52	96,85
IND.TRANSFORMAÇÃO	112,61	116,98	125,15	91,35	94,51	98,59	98,08	97,48	97,64	95,18	94,43	94,32
MIN.NÃO METALICOS	79,81	84,95	98,62	104,22	97,95	115,19	83,69	86,19	90,47	95,17	94,39	95,16
METALURGICA	121,54	112,89	119,55	109,08	121,23	134,22	90,60	95,03	99,79	88,38	91,58	94,95
MAT.ELETTRICO E COM	131,68	168,70	162,31	71,95	95,14	121,46	75,80	79,10	83,92	77,53	76,98	81,50
BORRACHA	207,59	211,87	219,46	106,14	119,49	107,36	107,30	109,47	109,11	117,58	118,59	116,88
QUIMICA	119,40	123,10	125,33	89,07	95,65	94,08	100,94	100,06	99,17	96,14	95,59	95,11
PERF.SABÕES,VELAS	159,72	156,28	149,43	136,71	127,83	105,30	85,12	91,61	93,67	89,53	90,62	91,11
PROD.ALIMENTARES	68,22	77,01	123,11	90,48	63,90	94,03	95,12	88,72	89,69	96,53	90,80	88,58
BEBIDAS	136,88	155,35	160,57	105,25	117,57	124,27	103,41	105,57	107,99	101,31	101,76	103,35

IBGE

01/09/89 PAG 20

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	127,86	138,47	139,70	101,34	97,43	102,92	98,27	98,11	98,85	100,50	99,43	99,61
EXTRATIVA MINERAL	131,83	124,47	113,36	111,78	105,58	94,58	101,50	102,20	101,07	105,10	104,71	104,32
IND.TRANSFORMAÇÃO	127,53	139,64	141,90	100,53	96,88	103,53	98,01	97,80	98,68	100,17	99,04	99,26
MIN.NÃO METALICOS	103,38	104,01	109,74	104,03	99,49	105,03	95,34	96,05	97,36	96,89	96,67	97,53
METALURGICA	136,62	131,66	135,13	98,18	95,53	102,88	95,21	95,27	96,31	103,66	101,80	101,42
MAT.ELETTRICO E COM	153,73	162,11	163,69	121,70	114,66	111,00	84,17	89,37	92,63	99,95	99,94	99,78
MAT. TRANSPORTE	128,45	192,52	153,89	80,56	109,50	138,86	98,66	100,73	104,82	96,13	98,27	102,77
PAPEL E PAPELÃO	180,40	179,13	178,07	101,31	106,21	101,03	99,25	100,43	100,52	99,46	97,77	97,47
QUIMICA	164,70	170,42	220,83	106,73	94,00	103,81	109,89	106,43	105,89	102,79	101,84	101,33
PROD.MAT.PLASTICAS	123,44	131,95	131,47	112,93	120,78	127,40	82,15	88,14	93,16	78,06	82,59	86,56
TEXTIL	130,78	131,23	129,75	113,75	110,49	104,88	105,22	106,15	105,95	100,39	101,43	102,38
VEST,CALC,ART.TEC.	96,39	100,31	105,12	111,93	118,28	116,57	106,15	108,38	109,72	100,58	101,71	102,25
PROD.ALIMENTARES	81,14	136,64	122,01	88,76	74,68	81,21	95,65	89,24	87,63	96,23	90,22	88,11
BEBIDAS	153,25	145,09	139,10	119,50	121,54	111,80	101,27	104,22	105,22	97,54	97,57	98,66
FUMO	171,07	176,84	178,53	128,80	127,74	116,97	96,60	101,24	103,46	95,50	97,81	98,77

IBGE

01/09/89

PAG 27



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - RIO DE JANEIRO

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	115,45	127,05	128,27	106,64	106,31	106,06	98,58	99,96	100,89	100,27	100,26	100,46
EXTRATIVA MINERAL	529,37	529,73	514,44	116,12	109,40	102,85	94,50	96,78	97,61	92,61	93,83	94,40
IND.TRANSFORMAÇÃO	107,33	119,15	120,70	105,80	106,05	106,33	99,00	100,28	101,21	101,04	100,90	101,05
MIN.NÃO METALICOS	102,91	107,10	110,03	116,37	116,26	128,02	98,61	101,65	105,30	97,84	98,72	102,28
METALURGICA	134,35	145,43	143,61	94,65	97,07	94,41	91,58	92,53	92,81	94,61	93,63	92,51
MAT.ELETTRICO E COM	155,84	165,01	180,20	121,13	108,83	109,85	123,06	120,31	118,51	143,12	138,01	133,04
MAT. TRANSPORTE	26,00	55,76	54,30	58,55	101,35	107,51	102,12	101,97	102,80	120,11	115,35	113,73
PAPEL E PAPELÃO	84,16	85,62	92,93	104,80	96,16	104,05	93,96	94,35	95,83	92,63	94,23	95,50
QUIMICA	127,73	128,17	132,14	107,56	104,92	107,20	96,40	97,88	99,26	98,93	98,50	99,52
FARMACEUTICA	108,48	140,31	126,12	95,26	107,07	90,76	86,52	90,55	90,59	86,88	89,45	88,40
PERF.SABÕES,VELAS	147,73	166,98	182,09	121,06	127,89	157,47	103,76	108,07	114,81	101,63	103,53	107,22
PROD.MAT.PLASTICAS	184,28	199,64	186,70	137,34	133,32	125,91	120,99	123,29	123,70	114,02	115,58	114,57
TEXTIL	80,66	95,82	95,74	102,68	112,50	108,63	83,55	88,62	91,69	80,36	83,19	84,86
VEST,CALÇ.ART.TEC.	75,12	79,63	78,64	112,26	102,22	96,83	98,98	99,61	99,14	97,64	97,53	97,34
PROD.ALIMENTARES	97,17	112,82	126,61	111,99	97,91	107,83	101,24	100,57	101,81	98,93	99,15	101,09
BEBIDAS	147,98	133,49	130,44	155,99	148,17	135,85	119,67	123,47	125,01	113,56	115,38	117,87
FUMO	128,36	132,78	120,91	129,50	115,09	112,25	98,67	101,48	102,97	94,67	95,97	97,77

IBGE

01/09/89 PAG 22



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - RIO GRANDE DO SUL

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	141,34	144,79	132,75	109,40	108,85	106,53	97,91	99,89	100,86	97,90	98,65	99,10
EXTRATIVA MINERAL	132,44	137,34	136,67	94,87	100,05	98,98	76,94	80,82	83,44	88,51	88,11	86,11
IND. TRANSFORMAÇÃO	141,40	144,83	132,72	109,50	108,90	106,58	98,06	100,02	100,97	97,96	98,72	99,19
MIN.NÃO METALICOS	122,84	122,04	122,64	134,31	144,21	126,57	114,65	119,64	120,76	105,14	109,85	111,94
METALURGICA	141,17	149,52	154,01	106,75	110,62	117,64	93,40	96,47	99,58	93,03	94,65	96,73
MECANICA	171,97	201,80	186,54	119,12	158,72	102,41	108,86	115,54	113,42	102,94	108,27	107,70
MAT ELETRICO E COM	145,27	133,04	153,01	133,66	110,12	143,27	99,20	101,07	106,61	90,53	94,36	98,95
MAT. TRANSPORTE	130,51	127,15	133,20	120,50	103,20	100,61	84,76	88,17	90,23	100,78	98,92	99,11
PAPEL E PAPELÃO	118,48	155,14	159,33	103,48	123,62	127,83	98,18	102,29	105,82	101,62	102,97	105,94
BORRACHA	123,93	134,19	156,79	110,98	110,38	123,55	107,78	108,29	110,89	113,22	111,88	111,78
QUIMICA	144,54	130,09	119,69	117,32	86,58	82,39	97,48	94,74	92,33	91,19	89,09	87,70
PERF.SABÕES,VELAS	131,78	137,07	140,45	88,55	94,01	113,76	82,55	84,64	88,54	86,31	85,11	87,40
VEST.CALÇ,ART.TEC.	102,40	105,69	100,28	103,48	102,07	101,87	99,23	99,74	100,06	99,31	99,19	99,50
PROD.ALIMENTARES	101,73	106,41	101,13	86,09	95,40	95,63	92,04	92,61	93,02	97,68	97,37	95,76
BEBIDAS	180,34	220,78	141,26	125,16	106,50	137,35	98,59	100,48	104,38	107,00	102,40	104,53
FUMO	410,89	348,97	193,42	109,64	112,45	242,69	96,03	98,76	104,65	98,99	99,73	105,39



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - SANTA CATARINA

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSESE GENERO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	134,95	142,08	140,68	110,76	108,01	110,00	94,35	96,73	98,66	93,95	95,03	95,91
EXTRATIVA MINERAL	94,76	89,90	90,27	90,87	73,16	69,71	73,81	73,68	73,01	95,76	91,70	86,91
IND.TRANSFORMAÇÃO	136,46	144,05	142,58	111,40	109,23	111,54	94,98	97,46	99,49	93,89	95,14	96,19
MIN.NÃO METALICOS	148,93	145,26	147,58	107,24	108,52	107,10	99,30	100,80	101,71	94,50	94,94	95,23
METALURGICA	160,30	176,58	174,18	96,84	109,86	115,75	89,88	93,54	96,79	91,85	93,35	95,73
MECANICA	197,44	221,38	217,66	160,73	137,52	159,67	115,82	119,89	125,35	100,19	105,03	108,38
MAT.ELETTRICO E COM	240,28	253,04	299,42	111,66	83,77	95,06	79,16	79,99	82,36	89,44	88,38	86,49
PAPEL E PAPELÃO	145,82	139,55	143,73	105,68	99,72	104,14	97,97	98,26	99,11	96,95	97,46	98,22
QUIMICA	126,47	125,08	139,10	83,88	77,49	85,10	78,97	78,67	79,77	100,24	96,64	93,50
PROD.MAT.PLASTICAS	128,56	146,54	148,44	120,34	120,65	136,29	84,01	90,46	96,71	90,83	93,21	96,24
TEXTIL	98,25	101,11	103,51	101,46	98,00	96,24	92,20	93,21	93,68	94,62	94,78	94,31
VEST.CALC.ART.TEC.	83,01	105,70	109,96	106,53	109,70	110,48	89,74	93,49	96,26	94,32	94,88	96,69
PROD.ALIMENTARES	118,78	122,43	120,44	102,17	101,31	103,31	90,25	92,06	93,59	82,92	84,01	85,97
BEBIDAS	97,11	81,56	75,32	151,36	155,59	107,53	106,67	110,53	110,25	102,89	105,58	106,10
FUMO	348,83	313,97	128,88	152,90	219,57	140,51	134,44	144,27	144,01	148,18	161,44	158,25



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - PARANA

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSE S E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	140,96	139,72	125,90	112,55	110,53	97,15	100,75	102,53	101,68	103,40	103,65	102,81
IND.TRANSFORMAÇÃO	140,96	139,72	125,90	112,55	110,53	97,15	100,75	102,53	101,68	103,40	103,65	102,81
MIN.NÃO METALICOS	102,91	116,63	124,03	111,91	126,29	130,18	93,29	98,64	103,16	94,42	96,29	98,35
MECANICA	174,10	188,72	190,07	111,62	145,23	122,43	108,75	114,61	115,87	98,11	102,77	102,57
PAPEL E PAPELÃO	170,02	171,59	167,46	110,80	114,24	123,43	106,45	107,76	109,83	101,75	102,83	105,69
QUIMICA	113,92	106,15	103,53	116,55	86,66	77,60	105,31	101,22	96,67	111,26	108,64	105,73
PERF.SABÕES,VELAS	176,99	164,65	152,78	109,28	101,14	126,24	96,61	97,47	101,05	109,50	102,53	101,21
PROD.MAT.PLASTICAS	110,04	113,44	108,64	104,60	100,41	97,78	106,48	105,32	104,14	112,84	111,18	108,48
TEXTIL	352,94	270,88	126,12	123,54	225,02	145,37	85,73	99,13	102,13	89,96	98,15	100,44
PROD.ALIMENTARES	117,72	137,74	125,26	99,27	98,30	86,85	101,01	100,46	98,09	103,95	102,40	99,84
BEBIDAS	151,37	125,03	130,38	133,05	135,33	122,70	102,76	106,67	108,62	103,71	104,83	105,37
FUMO	356,40	328,63	224,29	145,95	140,99	125,59	96,15	102,39	104,62	98,61	103,87	105,92

IBGE

04/09/89 PAG 25



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - REGIÃO SUL

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSESE GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDÚSTRIA GERAL	136,08	140,94	133,94	110,62	107,07	105,42	98,28	99,87	100,70	97,95	98,62	99,02
EXTRATIVA MINERAL	94,41	103,61	104,37	83,03	89,11	85,59	75,76	78,05	79,20	90,18	89,02	86,21
IND. TRANSFORMAÇÃO	136,70	141,49	134,37	111,00	107,31	105,71	98,59	100,18	101,00	98,06	98,75	99,19
MIN. NÃO METÁLICOS	123,59	132,28	137,65	111,73	122,60	121,56	97,05	101,16	104,10	94,69	96,60	98,15
METALURGICA	152,32	162,66	164,94	106,40	114,22	117,46	92,90	96,58	99,61	92,38	94,48	96,63
MECANICA	173,49	188,44	184,87	131,16	137,86	131,56	111,92	116,15	118,37	102,27	106,82	109,27
MAT. ELETTRICO E COM	166,79	178,00	199,50	119,19	98,00	108,17	92,79	93,74	96,00	97,97	98,52	98,56
PAPEL E PAPELÃO	153,72	159,77	159,21	105,98	108,21	113,32	101,89	102,97	104,41	100,95	101,52	103,00
QUÍMICA	116,51	106,79	102,08	113,80	85,37	78,05	97,50	94,71	91,48	97,76	95,41	93,02
PERF. SABÕES, VELAS	137,87	139,24	145,31	100,66	97,40	124,77	89,70	91,13	95,55	93,92	91,95	94,45
PROD. MAT. PLÁSTICAS	135,66	147,13	147,57	115,45	113,21	119,31	95,14	98,46	101,56	99,92	100,54	101,47
TEXTIL	131,33	136,88	136,34	103,49	101,46	98,85	95,09	96,21	96,61	95,73	95,97	95,96
VEST., CALÇ., ART., TEC.	104,44	110,88	107,10	106,20	104,71	103,74	98,63	99,73	100,33	99,59	99,76	100,45
PROD. ALIMENTARES	111,44	120,89	113,68	96,43	99,13	94,25	95,89	96,48	96,14	96,45	96,23	95,35
BEBIDAS	174,03	207,50	143,63	127,90	112,07	122,35	100,76	103,26	105,61	107,38	104,10	104,37
FUMO	364,98	308,47	153,87	123,51	134,61	199,14	101,38	106,20	110,54	104,68	109,15	113,00

IBGE

01/09/89

PAG 24

IBGE

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - SÃO PAULO

PONDERAÇÃO CI-80

1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	JAN-MAI	JAN-JUN	JAN-JUL	ATE MAI	ATE JUN	ATE JUL
INDUSTRIA GERAL	113,17	129,07	133,43	104,36	103,96	107,06	94,45	96,27	98,01	97,59	97,79	98,27
IND. TRANSFORMAÇÃO	113,17	129,07	133,43	104,36	103,96	107,06	94,45	96,27	98,01	97,59	97,79	98,27
MIN.NÃO METALICOS	115,30	115,79	120,67	106,50	107,38	109,63	93,28	95,67	97,73	95,61	96,14	96,65
METALURGICA	117,13	121,81	124,16	106,52	112,28	109,57	96,91	99,44	100,93	99,01	100,65	101,76
MECANICA	98,66	111,16	110,45	104,70	111,74	114,21	85,53	90,05	93,52	86,58	88,43	90,46
MAT ELETTRICO E COM	106,31	124,48	115,78	97,28	111,31	111,01	90,73	94,47	96,87	94,48	96,11	97,06
MAT. TRANSPORTE	110,87	138,47	140,26	88,73	98,39	102,86	86,26	88,49	90,67	101,99	100,52	99,30
PAPEL E PAPELÃO	162,66	163,96	164,04	112,43	112,11	114,70	105,15	106,35	107,55	105,13	106,17	107,51
BORRACHA	145,02	144,63	146,29	100,69	96,90	109,96	92,25	93,08	95,39	98,43	97,46	98,29
QUIMICA	124,53	145,21	164,21	105,70	96,42	104,39	97,97	97,62	98,90	98,80	97,95	98,38
FARMACEUTICA	138,44	156,18	154,64	110,31	108,25	124,55	90,57	93,94	98,24	86,81	88,51	92,27
PERF.SABÕES,VELAS	178,53	188,39	192,47	124,66	123,38	125,74	95,44	100,03	103,67	91,66	93,52	94,89
PROD.MAT.PLASTICAS	147,94	162,61	167,29	129,49	130,45	132,88	110,54	114,12	117,00	106,70	109,27	111,19
TEXTIL	111,39	116,27	114,72	103,77	105,60	102,65	96,80	98,33	98,98	96,80	97,32	97,48
VEST.CALÇ.ART.TEC.	82,32	91,31	87,25	109,28	113,92	107,63	100,74	103,15	103,85	101,84	102,49	102,70
PROD.ALIMENTARES	76,52	122,65	138,93	102,70	81,20	87,03	98,63	93,56	92,03	102,81	98,54	95,45
EEBIDAS	140,69	151,89	152,71	140,20	127,79	116,54	112,25	114,99	115,24	108,40	108,99	109,24
FUMO	74,32	72,92	97,04	125,36	113,42	144,89	101,28	103,33	109,54	105,50	105,88	108,18

IBGE

01/09/89 PAG 23